

## **POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO SUSTENTÁVEL NO MUSEU DO FOLCLORE (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – SP).** Bruna de Siqueira Araujo, Eduardo Romero de Oliveira. – Curso de Turismo – Campus Experimental de Rosana.

O objeto de estudo é o Museu do Folclore de São José dos Campos – SP, pois apresenta ações desenvolvidas junto à comunidade, procurando resgatar e preservar a cultura popular regional.

A proposta consiste em desenvolver de maneira teórica, um estudo do museu do folclore conhecendo suas atividades, seu planejamento, suas dificuldades, compreendendo o contexto em que ele se insere, para que ocorram suas atividades; como também questionar seu potencial turístico, através do levantamento do fluxo turístico, dando subsídios para que se possa trabalhá-lo no local de maneira não agressiva, mas sim valorativa. Entretanto, como isto seria possível? Neste sentido, nosso trabalho precisa considerar várias questões específicas: investigar esse “valor” do museu para os visitantes, entender o que os atrai no museu; supor se há diferentes “tipos de frequentadores”, ou seja, pessoas que se interessam pelo museu por motivos variados; investigar quais seriam esses motivos e qual seria a variedade deles; como também o que a comunidade local e outros visitantes esperam da preservação cultural que o museu zela.

Todas essas questões formam o objetivo do projeto, que procura explorar a hipótese de desenvolver um turismo que valorize a população local através da promoção de suas manifestações culturais. Haveríamos de averiguar se o museu é um espaço que permite com que essas manifestações ocorram, que motiva os visitantes a o procurarem; como também, proporciona meios de adaptação da capacidade de carga aos estudos desenvolvidos. Apenas desta maneira, o estudo do possível desenvolvimento turístico sustentável no Museu do folclore veio a ser efetivado.

Para obter os resultados compensatórios foi necessário elaborar rigorosamente a metodologia. Por isso, foi necessário que o levantamento bibliográfico se voltasse para o tema do objeto de estudo e do assunto discutido – como, por exemplo, a cultura relacionada à visitação aos museus vinculada com o possível planejamento sustentável da atividade turística nesses ambientes. Além disso, foram necessárias pesquisas de campo, que recorressem a entrevistas e questionários aos funcionários e visitantes do Museu do Folclore.

Primeiramente, a pesquisa baseou-se em dados estatísticos obtidos através de entrevistas, que apresentam questões de caráter fechado, pois o objetivo é identificar qual é o “tipo de visitante” que frequenta o museu. Para isso, foi necessário recorrer à técnica da amostragem casual (ou aleatória simples), que se fundamenta em tabela de números aleatórios - ou seja, a amostragem ocorre através de sorteio. Só assim puderam ser elaboradas as questões que foram aplicadas aos visitantes e posteriormente aos funcionários.

Após a análise dos resultados da primeira pesquisa, outras ocorreram com caráter mais amplo, que também recorreram à amostragem, mas de maneira que esta seja a partir da técnica da amostragem proporcional estratificada. O que possibilitou ao todo analisado dividir-se em subconjuntos, para a melhor análise dos dados coletados. Esse tipo de pesquisa apresentou caráter de questões abertas, para analisar quais são os interesses e motivações que instigam o visitante a frequentar o museu. Posteriormente, foram aplicadas entrevistas de caráter interno do museu, ou seja, aplicadas aos funcionários, cujo objetivo é fazer o levantamento do funcionamento museológico do Museu do Folclore. De acordo com esse levantamento, foram obtidas informações que descreveram quais são as atividades educativas, os eventos propostos, entre outros fatores, que determinam os fundamentos em Cultura que o Museu do Folclore se baseia. Essas entrevistas apresentaram questões de caráter aberto para melhor compreensão das atividades e conceitos do museu. Para isso, também foi utilizada a amostragem proporcional estratificada.

Em continuidade à pesquisa de campo, existe um outro fator que compromete a relação visitante-museu: os impactos da visitação sobre o patrimônio. Esses impactos, muitas vezes, implicam na degradação do prédio, das peças expostas, como também, geram uma desestruturação no que compete a visitação em si, podendo diminuir a qualidade de contemplação do objeto exposto. No entanto, esses impactos podem ser minimizados se houver um planejamento da atividade de visitação

que esteja baseado no conceito de capacidade de carga. Existem autores como Mathieson (1982, apud Cooper, 2001), que tentam definir a capacidade de carga, como “o número máximo de pessoas que podem utilizar um local sem uma alteração inaceitável no ambiente físico e sem um declínio inaceitável na qualidade da experiência dos visitantes”. (Mathieson, 1982 apud Cooper, 2001). Contudo, poucos estudos são encontrados relacionados à capacidade de carga que se refira às variáveis sociais e culturais. O que geralmente é encontrado está atrelado aos espaços em que ocorrem impactos ambientais, como por exemplo, os parques ecológicos.

Durante a primeira fase da pesquisa, o levantamento bibliográfico e as leituras basearam-se em questões que complementassem a discussão bibliográfica apontada no projeto, como: a identidade, a discussão brasileira atual sobre cultura popular, a capacidade de carga em monumentos históricos e o Turismo inserido nesse contexto como prática social. Em continuidade, na segunda fase as leituras constituíram-se dos conceitos utilizados na exposição do Museu do Folclore, para analisar com mais profundidade, como foi elaborada a concepção da exposição “Traços de Cultura”, que se constatou que utilizou conceitos discutidos no livro de Julieta Andrade (et al), *Identidade Cultural no Brasil*.

A expectativa do trabalho em relação à primeira fase da pesquisa de campo consistia em obter subsídios, para que pudesse explorar a hipótese de desenvolver um turismo que valorizasse a população local através da promoção de suas manifestações culturais. Nossa pesquisa procurou averiguar se é o espaço disponibilizado pelo museu que motiva os visitantes a procurarem o museu; como também, proporcionar meios de adaptação da capacidade de carga aos estudos desenvolvidos. E os resultados de todas essas questões se apresentam a seguir.

Quanto à hipótese de desenvolver um turismo que valorizasse a população local, pode-se dizer que isto já vinha ocorrendo, por parte do público espontâneo que visita o Museu – que é o mesmo que visita o parque e acaba por conhecê-lo. Ainda assim, destacamos que 70% dos entrevistados justificaram suas respostas sobre a importância do Museu e 38,2% o consideraram imprescindível para preservar e resgatar a cultura popular regional.

No entanto, devido principalmente às dificuldades do fluxo de visitantes e localização do Museu, entendemos que deveria se buscar uma ordenação da visitação turística. Ou seja, trabalhar a questão do fluxo turístico não para diminuí-lo, e menos ainda para massificá-lo, mas para constituir uma periodicidade, minimizando a sazonalidade da visitação.

Concomitantemente, na primeira etapa de entrevista houve um número expressivo de pessoas que disseram não conhecer as atividades educativas do museu, como o Encontro dos Violeiros. Muitas disseram que desconheciam sua existência e/ou suas atividades, seja pela falta de divulgação ou também pela sua má localização no parque. Frente aos primeiros dados coletados, isso aponta o sentido de trabalhar o marketing turístico no local, divulgando o museu por todo o parque e também por lugares estratégicos para atingir o público alvo, como as escolas, por exemplo.

Contudo, em função das leituras efetuadas, observamos que essa divulgação deveria ser feita de maneira controlada e supervisionada para que não atraia mais visitantes que o esperado e estipulado pela capacidade de carga. Por isso, a capacidade de carga no Museu deve ser pensada juntamente com o processo de marketing turístico, pois é esta que vai delimitar os espaços em que o mesmo pode trabalhar.

Atualmente, não há grande preocupação em relação à degradação do prédio em função do fluxo de visitantes, já que este é esporádico e sazonal; da mesma forma ocorre com as atividades que apresentam as manifestações culturais da comunidade, como o Museu Vivo e o Encontro de Violeiros.

Na segunda fase da pesquisa de campo, as informações coletadas nas visitas proporcionaram conhecer como ocorre o planejamento do Museu do Folclore e quais são suas dificuldades. Através de entrevistas com a curadora Ângela Savastano, vimos que quando o museu foi idealizado. Destacou-se as questões relacionadas aos objetivos do Museu - que tinham como meta a difusão cultural, despertando no visitante o interesse por sua própria cultura. Contudo, o planejamento do museu é feito de acordo com as situações momentâneas vividas por ele. Ocorre desta maneira em função dos subsídios que o fomentam, que são obtidos através de um órgão municipal (Fundação Cultural Cassiano Ricardo) e de uma ONG (Centro de Estudos de Cultura Popular).

Esta relação entre a Fundação Cultural e a CECP, acarreta uma série de dificuldades ao museu, quando está em fase de renovação contratual. O mesmo, neste período, muitas vezes encontra-se

fechado no que se refere a finais de semana e feriados, por impossibilidade financeira de contratar funcionários que trabalhem nestes dias.

Quanto às suas atividades, o que se verificou remete-se ao momento que tais problemas são resolvidos, que proporcionam que as mesmas voltem ao seu funcionamento regular, como: a biblioteca torna-se aberta ao público novamente; o museu re-abre aos finais de semana e feriados; e, atividades como o Museu Vivo, por exemplo, tornam a acontecer. É importante ressaltar que através da pesquisa de campo constatou-se que o fluxo de visitação é mais significativo especificamente durante esse período.

Os dados obtidos nas visitas de campo resultaram em reflexões remetentes a questões como: a concentração de visitantes nos finais de semana (que permitiu avaliar o fluxo turístico), as motivações que levam as pessoas a visitar o museu, a imagem e o significado que os visitantes atribuem ao mesmo. O fluxo de visitantes apresenta-se mais denso nos finais de semana, provavelmente, por situar-se no parque da cidade, em que se consta um aumento do mesmo. Talvez isto ocorra, em função da ocupação das pessoas durante o decorrer da semana, seja por trabalho, tarefas domésticas, ou outras que impeçam as pessoas de usufruir seu tempo ócio no parque; resultando nas visitas durante seu período de lazer, ou seja, nos finais de semana e feriados.

Em relação às motivações dos visitantes, constatou-se que estão atreladas aos passeios no parque. Muitos dos entrevistados alegaram não conhecer o Museu, e ainda criticaram a ausência de divulgação, tanto no sentido de propagandas pela cidade, como dentro do próprio parque. Observamos que em função das árvores antigas que não podem ser derrubadas, e que se situam ao entorno do museu, muitas vezes, os visitantes pela ausência de visibilidade, são impedidos de tomarem conhecimento de sua existência.

Quanto a sua imagem e ao significado que o mesmo transpassa aos entrevistados, houve respostas conflitantes com a proposta do museu. Em sua maior parte os entrevistados responderam que o Museu do Folclore significava “coisas antigas”, “costumes antigos”. Estas percepções nos permitem sugerir que os visitantes enxergam a exposição como algo que se remete ao passado, que existiu, e que no momento encontra-se extinto. Não percebem que o museu propõe exatamente que tais costumes, apesar de não estarem tão presentes na vida cotidiana, ainda existem e podem ser preservados. Um exemplo desta proposta é o Museu Vivo. O esclarecimento da mesma poderia solucionar esta questão, ou pelo menos auxiliar em sua resolução.

De maneira geral, conclui-se que pensar um planejamento turístico para o Museu do Folclore baseando-se em desenvolvimento sustentável, implica primeiramente, em focalizar o público que se pretende atingir, já que muitos o conhecem apenas por circunstâncias do acaso de visitarem o Parque da cidade. Outro fator importante é trabalhar a questão da interpretação da proposta do museu com os visitantes. Apenas dessa forma, a relação entre museu, expositores do Museu Vivo, participantes do encontro de Violeiros, e visitantes em geral, poderá ser pensada com intuito de minimização dos impactos sócio-culturais.

### **Referências Bibliográficas:**

- ANDRADE, Julieta de. et al. *Identidade Cultural no Brasil*. Vargem Grande Paulista: A9 Editora, 1999.
- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é Cultura Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ARAUJO, Alceu Maynard. *Cultura Popular Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, Brasília, 1973.
- BARRETTO, Margarita. *Turismo e Legado Cultural*. Campinas: Papirus, 2003.
- BANDUCCI, Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001.
- BURKE, Peter. *A Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- COOPER, C. et al. *Turismo princípios e prática*. 2.ed. Porto Alegre – RS: Bookman, 2001.
- HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural* (trad.). Textos Didáticos nº18. Campinas: IFCH/Unicamp, 1995.

PRADO, Marta V.P.; ANDRADE, José R. L.; FACCIOLI, Gregório G. *Turismo sustentável e capacidade de carga dos atrativos turísticos no município de Canindé do São Francisco/SE: uma reflexão dos aspectos metodológicos*. [s.l.]. [s.n.]. [20--].

OLIVEIRA, Fernando. *Capacidade de carga em cidades históricas*. Campinas: Papirus, 2003.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAVASTANO, Ângela. [18 de agosto de 2005]. São José dos Campos: São Paulo. Entrevista concedida a Bruna de Siqueira Araujo.

**Bolsa:** FAPESP